

**PARA UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DA ARTICULAÇÃO
DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU E
DO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA**

Scoth Manuel Piango Cambolo (UniLuanda)

simbovalascoth@hotmail.com

Paulo Osório (UBI)

pjtrso@ubi.pt

RESUMO

Partindo-se do enquadramento teórico defendido em Miguel (2019; 2022), este artigo pretende levar a cabo uma análise contrastiva entre o português europeu (PE) e o português falado em Luanda (PFL), no que respeita à articulação das vogais. De notar, contudo, que, em Luanda, o português é a língua materna da maior parte da população, pois o kimbundu está a perder um número significativo de falantes, em virtude de um cada vez menor uso desta língua por parte da população. Esta tendência é, naturalmente, marcada por razões sociolinguísticas e por motivos de diglossia linguística. Os usos do PFL aqui registados e comentados provêm da aplicação de um inquérito (escrito e oral), no qual constam palavras, com duas propostas de pronúncia, uma luandense e outra, obviamente, europeia, aplicado em Luanda aos estudantes da Universidade Metodista de Angola (curso de Língua Portuguesa e Comunicação) e aos alunos do Seminário Arquidiocesano do Sagrado Coração de Jesus (curso de Filosofia). Assim, neste estudo, pretendemos equacionar os contrastes ao nível da articulação das vogais, sendo que a grande dificuldade dos falantes de Luanda reside maioritariamente na articulação das vogais <e> e <o>, quando estas ocorrem em posição medial átona.

Palavras-chave:

Articulação das vogais. Português falado em Luanda.
Interferências vocálicas na escrita.

ABSTRACT

Starting from the theoretical framework defended in Miguel (2019; 2022), this paper aims to carry out a contrastive analysis between European Portuguese (EP) and Portuguese Spoken in Luanda (SPL), with regard to the articulation of vowels. It should be noted, however, that in Luanda, Portuguese is the mother tongue of most of the population, as Kimbundu is losing a significant number of speakers, due to the decreasing use of this language by the population. This tendency is, of course, a product of sociolinguistic reasons and linguistic diglossia. The uses of SPL, here recorded and commented, come from the application of a survey (written and oral), which contains words, with two pronunciation proposals, one from Luanda and the other, obviously, European. Said surveys were applied in Luanda to the students of the Methodist University of Angola. (Portuguese Language and Communication course) and to the students of the Archdiocesan Seminary of the Sacred Heart of Jesus (Philosophy course). Thus, in this study, we intend to examine the contrasts regarding articulation

of vowels, given that the great difficulty of Luanda speakers resides mainly in the articulation of the vowels <e> and <o>, when they occur in unstressed medial position.

Keywords:

Vowel articulation. Portuguese spoken in Luanda.

Vowel interference in writing.

1. Breves considerações introdutórias

Nesta investigação, apresentamos uma descrição e análise contrastiva da articulação das vogais do português europeu e do português falado em Luanda, segundo os enquadramentos teórico-metodológicos definidos em Miguel (2019; 2022).

A articulação das vogais do PFL tem características próprias que diferem do PE. Verificámos, assim, ao longo da nossa pesquisa, que a maior parte dos informantes articula de forma diferente, por exemplo, a palavra <logótipo> → [lɔ'gotipu], como se de uma paroxítona se tratasse, <logotipo> → [logɔ'tipu]. Assim, uma das grandes diferenças dos falantes do PFL relativamente aos de PE reside ao nível da articulação das vogais <e> e <o>, quando ocorrem em posição medial, átona. Os falantes de Luanda abrem-nas, sendo que a maior parte dos falantes do PFL pronuncia [tɛlɛfɔni] em vez de [tɪlifɔni]. Deste modo, pretendemos, também, neste estudo, descrever a realização do ditongo decrescente *ei*, que, muitas vezes, na oralidade, a semivogal *cai*, como, por exemplo, em palavras como <segunda-feira>, <bananeira>, <esteira>: no PFL, muitos informantes pronunciam [segudafɛrɐ], [bananɛrɐ], [ɛʃtɛrɐ]; outros, uma minoria, articulam [sigudɛfɛirɐ], [bananɛjrɐ], [iʃtɛjrɐ], enquanto, na norma do PE, se seguem as pronúncias [sigudɛfɛirɐ], [bɐnɐnɛjrɐ], [iʃtɛjrɐ].

Uma outra questão que nos merecerá particular atenção prende-se com os fenómenos de interferências vocálicas na escrita, porquanto muitos dos nossos informantes escrevem como falam e ouvem: aparecem registos escritos como <consuante>, <femenino> em vez de <consoante> e <feminino>. Assim, para uma melhor compreensão da questão, apresentaremos os fenómenos de interferências vocálicas na escrita e na oralidade, demonstrando-se a ortografia das palavras afetadas pelo fenómeno e as pronúncias do PFL e do PE.

O *corpus* estudado foi constituído através da aplicação de um inquérito (escrito e oral), no qual constavam palavras, com duas propostas de pronúncia, uma luandense e outra europeia, aplicado em Luanda aos estudantes da Universidade Metodista de Angola (curso de

Língua Portuguesa e Comunicação) e aos alunos do Seminário Arquidiocesano do Sagrado Coração de Jesus (curso de Filosofia).

É necessário, neste contexto, sublinharmos que, para a maior parte das crianças que nasce em Luanda⁵⁷, a sua primeira língua é o português, porque os pais não promovem a utilização das línguas nacionais. Em consequência, os luandenses, mesmo os que têm um nível de escolaridade satisfatório, cometem desvios morfossintáticos, lexicais e, também, articulatórios:

Em kimbundu, a vogal central [i] é inexistente, pois a língua só atesta as vogais [e] e [ɛ] [...]. Sempre que um locutor da variante tem de pronunciar uma palavra que tenha as vogais central [i] e anterior [e] em posição inicial ou média são substituídas por [ɛ]. (MINGAS, 2007, p. 64)

2. *Análise Contrastiva da Articulação das Vogais do PE e do PFL*

2.1. *Fenómenos de interferência vocálica na oralidade*

Está estabelecido na investigação linguística que o kimbundu possui sete vogais orais e o PE catorze, das quais nove orais e cinco nasais. Refira-se igualmente que, em kimbundu, existe uma correspondência direta entre os sons e as letras, ou seja, cada som corresponde apenas a uma letra, contrariamente ao que acontece no PE, em que alguns sons podem ter mais do que uma representação gráfica. Logo, o falante que tem o português como língua segunda recorre, geralmente, ao sistema vocálico da língua primeira, neste caso, o kimbundu, para articular as vogais do PE. Por exemplo, no kimbundu, as

⁵⁷ Na verdade, “O kimbundu é a língua-matriz, ‘a língua natural de Luanda’ (MIGUEL, 2014, p. 32), a mais antiga, falada localmente e de maior simbolismo etnocultural e social. A par do português, esta língua sempre serviu de meio de interação, veículo de cultura e elemento de socialização dos luandenses, ao longo do desenvolvimento da cidade. Historicamente, considera-se que, desde a chegada dos portugueses a essa região, em 1575, até à primeira metade do século XIX, o kimbundu foi a língua dominante, apesar de o português ter sido já a língua oficial (INVERNO, 2009b, p. 2). Falado por quase todos os luandenses, quer nos lares quer quotidianamente, esta língua fortaleceu-se ao longo dos séculos que antecederam ao seu declínio, graças ao contributo das elites afro-portuguesas desta cidade, formadas principalmente por funcionários públicos, intelectuais, comerciantes, capturadores de escravos e homens de ofício (VENÂNCIO, 1996, p. 5; VANSINA, 2001, p. 273 *apud* INVERNO, 2009b, p. 2). Luanda foi, portanto, ‘até finais do século XX, uma cidade bilíngue, sendo os colonos portugueses forçados a aprender o quimbundo’ (AGUALUSA, 2004/2005, p. 30).” (MIGUEL, 2019, p. 157-8)

vogais grafadas como <e> e <o> realizam-se como abertas, [ɛ] e [ɔ], quando ocorrem em posição inicial e medial, quer em posição átona ou tônica. O falante da variante do PFL, por influência das línguas bantu⁵⁸ – (kimbumbu), abre-as, tal como ocorre nos seguintes exemplos:

	PFL	PE
1. a) <presidente>	[prɛzidɛtɛ]	[prizidɛti]
b) <sobrinho>	[sɔbrinɔ]	[subrinu]
c) <escola>	[ɛkɔla]	[ikɔlɛ]

A inexistência das vogais central e fechada [ɨ] e a posterior e fechada [u], em kimbundu, grafadas como <e> e <o>, em posição átona, faz com que o falante da variante do PFL aumente o grau de abertura dos referidos sons, tornando-as médias ou abertas, em vez de fechadas⁵⁹:

	PFL	PE
2. a) <telefone>	[tɛlɛfɔnɛ]	[tilifɔni]
b) <inoportuno>	[inɔpɔrtunɔ]	[inɔpurtunu]
c) <metodologia>	[mɛtɔdɔlɔsia]	[mitudulusie]

Há ainda um fenómeno de interferência vocálica que ocorre na oralidade, em que o falante da variante do PFL suprime a semivogal anterior ou palatal, fechada [j] que ocorre em certos ditongos decrescentes como [ɛj, aj, oj], dando-se a monotongação dos mesmos. Segundo Mingas (2007, p. 65), “a inexistência de ditongos (...) em kimbundu (...) leva os locutores da variante a substituírem os ditongos portugueses por vogais simples (...)”. Consideram-se, para o efeito, os casos seguintes:

3. I. [ɛj] → [ɛ]

	PFL	PE
a) <feira>	[fɛra]	[fɛjra]
b) <leite>	[lɛtɛ]	[lɛjtɛ]
c) <beijo>	[bɛʒu]	[bɛjʒu]

⁵⁸ Afirma Miguel (2019, p. 132): “As línguas bantas são faladas numa extensa zona da África subsariana, que vai do sul dos Camarões ao sul do continente, num conjunto de cerca de 22 países: África do Sul, Angola, Botswana, Burundi, Camarões (sul), Comores, Congo, Gabão, Guiné Equatorial, Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, Quênia, RCA, RDC, Ruanda, Suazilândia (atualmente, eSwatini), Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábwe (com algumas comunidades na Somália e Sudão). É, portanto, um dos grupos linguísticos mais numerosos, com cerca de 220 a 240 milhões de falantes (NGUNGA, 2004, p. 29-30; ANDRADE, 2007, p. 21-2; WILLIAMSON; BLENCH, 2000, p. 11; NURSE; PHILIPPSON; 2003, p. 1ss.).”

⁵⁹ O mesmo fenómeno também ocorre no português brasileiro (PB).

- Há casos, porém, em que se mantém a referida semivogal, mas abrindo a vogal, resultando em ditongo aberto e não médio:

II. [ɐj] → [ej]

	PFL	PE
4. a) <feira>	[fejra]	[fɛjɾɐ]
b) <leite>	[lejte]	[lɛjtɛ]
c) <beijo>	[bɛjʒu]	[bɛjʒu]

- Em outros casos, ainda ocorre a substituição da vogal central média [ɐ] pela vogal anterior ou palatal média [e]:

III. [ɐj] → [ej]

	PFL	PE
5. a) <feira>	[fejra]	[fɛjɾɛ]
b) <leite>	[lejte]	[lɛjtɛ]
c) <beijo>	[bɛjʒu]	[bɛjʒu]

- Queda da semivogal [j]:

VI. [aj] → [a]

	PFL	PE
6. a) <mais>	[maj]	[maj]
b) <vais>	[vaj]	[vaj]

- Também há situações em que se conserva o timbre da vogal total, como acontece no PE:

	PFL	PE
7. a) <mais>	[maj]	[maj]
b) <vais>	[vaj]	[vaj]

Verifica-se a supressão da semivogal [j] do ditongo [oj], passando à vogal [ɔ]:

4. I. [oj] → [ɔ]

	PFL	PE
8. a) <dois>	[dɔj]	[doj]
b) <depois>	[depɔj]	[dipoj]

5. I. [ôj] → [ɔ]

- Constata-se a queda da semivogal [j].

	PFL	PE
9. a) <acções>	[asɔj]	[esôj]
b) <canções>	[kãsɔj]	[kesôj]
c) <sermões>	[sɛrmɔj]	[sɛrmôj]
d) <calções>	[kalsɔj]	[kalsôj]
e) <portões>	[pɔrtɔj]	[purtôj]

5. II. [õj]→[ɔj]

- Observa-se, igualmente, a passagem da vogal média nasal [õ] para aberta nasal [ɔ]:

	PFL	PE
10. a) <acções>	[asɔj]	[esõj]
b) <canções>	[kãsoj]	[kesõj]
c) <sermões>	[sɛrmɔj]	[sɛrmõj]
d) <calções>	[kalsɔj]	[kalsõj]
e) <portões>	[pɔrtɔj]	[purtõj]

2.2. Vogais anteriores ou palatais

No PE, atestam-se as vogais anteriores ou palatais [i, e, ɛ], mas só abordaremos a vogal /e/, porque, na variante do PFL, a mesma vogal se realiza sempre aberta [ɛ], em posição inicial e medial. Considerando os aspetos fonológicos do português, podemos considerar que estamos perante uma variação alofónica geográfica ou dialetal, já que o fonema em questão /e/ apresenta dois fones distintos, [i]; [e], ou seja, duas pronúncias diferentes: uma para a variedade do PE ([e]) e outra para o PA ([ɛ]), conforme os exemplos seguintes:

	PFL	PE
11.a) <sede>	[sɛdɛ]	[sedɪ]
b) <cadete>	[kadɛtɛ]	[kɛdetɪ]

$$/e/ \begin{cases} [e] \rightarrow PE: [sedə] \\ [ɛ] \rightarrow PFL: [sɛdɛ] \end{cases}$$

Entretanto, já em posição final absoluta, a referida vogal não altera o seu timbre, ou seja, mantém-se como baixa [ɛ], facto que não ocorre no PE, já que, no contexto em apreço, se atesta a vogal média central fechada [i], inexistente no PFL:

	PFL	PE
12. a) <sede>	[sɛdɛ]	[sedɪ]
b) <cadete>	[kadɛtɛ]	[kɛdetɪ]
c) <forte>	[fɔrtɛ]	[fɔrtɪ]
d) <metade>	[mɛtadɛ]	[mitadɪ]
e) <cotonete>	[kɔtɔnɛtɛ]	[kutunetɪ]
f) <costume>	[kɔʃtumɛ]	[kuʃtumi]

2.3. Vogais centrais

O kimbundu e a variante do PFL só registam uma vogal central [a], ao passo que o PE atesta três [i, ɐ e a]. Nesse caso, o falante luandense não tem problema em articular as vogais abertas. Porém, a nossa descrição, no grupo das centrais, cinge-se à articulação da vogal alta e média, porquanto, por inexistência das vogais [i] e [ɐ] no PFL, os falantes luandenses articulam-nas de forma aberta, ou seja, o sistema das vogais centrais existentes no PE [i, ɐ e a] reduz-se a uma vogal [a], no PFL. Como resultado desse fenómeno, a vogal [i] passa a [e] ou [ɛ], ambas anteriores ou palatais, média e aberta, respetivamente, e a vogal [ɐ] realiza-se como [a], alterando o seu grau de abertura, de média para aberta. No âmbito da descrição fonológica da língua portuguesa, podemos considerar que, nesse caso, ocorre a variação alofónica, ditada pelos aspetos dialetais e/ou socioculturais. A vogal /i/ apresenta duas realizações, isto é, duas pronúncias distintas [e] ou [ɛ], contrastando com o que ocorre no PE, no qual só se atesta a vogal [i]. Nos dois casos em apreço, observa-se o seguinte:

$$13. /i/ \begin{cases} [i] \rightarrow PE: [i\text{f}ar] \\ [e] \rightarrow PFL: [e\text{f}ar] \\ [ɛ] \rightarrow PFL: [ɛ\text{f}ar] \end{cases}$$

2.3.1. Vogal média e central /ɐ/

Na variante do PFL, esta vogal realiza-se sempre como [a], independentemente da sua posição na palavra, enquanto no PE, quando átona, se realiza como [ɐ]. A referida vogal também ocorre como tónica quando está seguida de uma consoante nasal⁶⁰. No PFL, o sistema das vogais centrais reduz-se a uma vogal [a] aberta, restringindo a ocorrência de [ɐ], ou seja, nesta variedade, não se atesta a vogal média, mas a aberta:

	PFL	PE
14. a) <dádiva>	[dadiva]	[dadivɐ]
b) <ajudar>	[aʒudar]	[ɐʒudar]

⁶⁰ A propósito da nasalidade, afirma Bisol (2002, p. 501): “[...] um dos aspectos mais polémicos da fonologia do português é a nasalidade vocálica. Possuir o sistema de vogais nasais ou ser a vogal nasal um grupo, vogal oral e consoante nasal, foi, em tempos do primeiro estruturalismo linguístico, uma questão crucial. Com o advento da teoria gerativa, a discussão teve continuidade, mas um sistema único de sete vogais indiscutivelmente desde então se consagra”.

c) <cama>	[kama]	[kɐmɐ]
d) <drama>	[drama]	[drɐmɐ]
f) <caneta>	[kaneta]	[kənɐtɐ]
g) <esferográfica>	[ɛʃfɛrɔgrafika]	[iʃfɛrɔgrafikɐ]

15. /ɐ/	{	[ɐ] → PE: [dadivɐ]
		[a] → PFL: [dadiva]

Registam-se, pois, duas pronúncias distintas para um único fonema, neste caso [ɐ] para o PE e [a] para o PFL (Cf. ex.: 15).

2.4. Vogais posteriores ou velares

O PE tem três vogais posteriores ou velares – [u, o e ɔ]; o kimbundu também possui três – [u, o e ɔ], tal como afirma Mingas (2007, p. 36). Em PE, a vogal [u] pode ser representada graficamente como <u> ou <o>, neste último caso, em posição átona. Na variante do PFL, a vogal [u] grafada como <o>, que, geralmente, ocorre em posição átona, também se realiza como [ɔ], tal qual ocorre em kimbundu, conforme podemos ilustrar nos seguintes exemplos:

	PFL	PE
16. a) <colega>	[kɔlega]	[kulegɐ]
b) <Portuga>	[pɔrtugale] / [purtugaɫ]	[purtugaɫ]
c) <sobrinho>	[sɔbrijɲu]	[subrijɲu]
d) <namorado>	[namɔradu] / [namɔradu]	[nemuradu]
e) <economia>	[ekɔnɔmia] / [ikunumia]	[ikunɔmie]
g) <político>	[pɔlitiku]	[pulitiku]

No entanto, quando ocorre em posição átona final (absoluta) no PFL, o seu timbre pode variar, ou médio [o] ou fechado [u]:

	PFL	PE
17. a) <namorado>	[namɔradu]	[nemuradu]
b) <quanto>	[kwātu]	[kwetu]
c) <político>	[pɔlitiku]	[pulitiku]
d) <canto>	[kātu]	[ketu]

Quanto à vogal /o/, ela realiza-se como [ɔ], aberta, quer em posição tónica, quer em posição átona inicial e medial:

	PFL	PE
18. a) <apagador>	[apagadɔr]	[ɛpɛgedɔr]
b) <olhar>	[ɔʎar]	[oʎar]
c) <dourado>	[dɔradu]	[doredu]

Com esta breve descrição, em relação ao grupo das vogais posteriores ou velares, nota-se, portanto, que o falante do kimbundu, quando procura expressar-se em português, desvia-se do padrão do PE, articulando as referidas vogais com um timbre mais aberto. Este facto é mais evidente com a vogal /o/, quando aparece em posição átona. Em termos de análise fonológica, este comportamento das vogais posteriores tipifica um caso da variação alofónica geográfica e mesmo individual, uma vez que a realidade sociocultural está na base desse fenómeno, ou seja, no contexto angolano, as referidas formas vocálicas são pronunciadas de maneira diferente daquela que se atesta no PE. Ilustramos este fenómeno com os exemplos abaixo:

19. /u/ {
 [u] → PE: [nemuradu]
 [ɔ] → PFL: [namɔradu]

20. /o/ {
 [o] → PE: [oɫar]; [doradu]
 [ɔ] → PFL: [ɔɫar]; [dɔradu]

2.5. Vogais nasais

Tal como a variedade do PE, o PFL também possui cinco vogais nasais. A diferença consiste no facto de, no sistema do PFL, existirem vogais abertas nasais [ɛ, ã, ɔ], sons que não se verificam no PE, que só possui vogais médias nasais [ẽ, v, õ]. Depreende-se que as vogais médias nasais do PE são substituídas pelas abertas nasais no PFL. Neste estudo, centramos a nossa reflexão nas vogais afetadas pelo contraste de mudança de timbre, ou seja, das vogais médias nasais que passam a abertas no PFL. Para melhor compreendermos a articulação das vogais nasais, apresentamos dois quadros, no primeiro, as vogais nasais do PFL e, no segundo, as do PE:

a) Vogais nasais do PFL:

	Anterior ou palatal	Central	Posterior ou velar
Fechadas	[ĩ]	—	[ũ]
Médias	—	—	—
Abertas	[ɛ]	[ã]	[ɔ]

b) Vogais nasais do PE:

	Anterior ou palatal	Central	Posterior ou velar
Fechadas	[ĩ]	—	[ũ]
Médias	[ẽ]	[ɐ]	[õ]
Abertas	—	—	—

Do ponto de vista fonológico, as vogais nasais têm sido interpretadas como realizações fônicas orais correspondentes ao contacto com um fonema consonântico nasal, marcador deste timbre. Trata-se de um arquifonema nasal /N/, conforme descrito pelos estruturalistas. Por exemplo, as vogais nasais [ẽ, ɐ, õ] resultam da combinação das vogais orais [e, ɐ, o] e as consoantes /M/ e /N/ nasal:

21. a) [ẽ] → /e/ + /N/
 b) [ɐ] → /ɐ/ + /M/ e /N/
 c) [õ] → /o/ + /M/ e /N/

A vogal [ẽ], média nasal, realiza-se como [ɛ] aberta nasal, contrastando com o que ocorre no PE:

- | | PFL | PE |
|-------------------------|-----------|------------|
| 22. a) <pen t e> | [pɛtɛ] | [pɛ̃ti] |
| b) <con t ente> | [kɔ̃tɛtɛ] | [kõ̃tɛ̃ti] |
| c) <fr e nte> | [frɛtɛ] | [frɛ̃ti] |

Deste modo, verificamos que as vogais nasais em apreço estão condicionadas pelo comportamento das vogais orais, no PFL, ou seja, a mudança do grau de abertura das vogais orais afeta, diretamente, o das vogais nasais, já que o timbre nasal afeta, simplesmente, as vogais abertas e não as médias. Na variedade do PFL, /ɐ/, quando nasal, realiza-se como [ã] aberto, ao passo que, no PE, se realiza em [ɐ]. Deste modo, regista-se uma variação no grau de abertura, de média para aberta ([ɐ] → [ã]), conforme mostram os exemplos seguintes:

- | | PFL | PE |
|--------------------------|---------|---------|
| 23. a) <Ang o la> | [ãgɔla] | [ɛgɔla] |

b) <manteiga>	[mã̃teiga]	[mɐ̃tɛjgɔ]
c) <canto>	[kãtu]	[kɐtu]
d) <tanque>	[tãke]	[tɛkɨ]
e) <bamba>	[bãba]	[bɛbɛ]

No PFL, a vogal realiza-se como [ã̃], aberta, mas, no PE, realiza-se como [ɐ̃], média, ou seja, no PFL o dorso da língua baixa em relação à sua posição neutra, enquanto no PE, o dorso da língua mantém-se na sua posição neutra.

A vogal [õ], atestada no PE, realiza-se como [ɔ] no PFL:

	PFL	PE
24. a) <consoante>	[kɔsɔãte]	[kõswɛti]
b) <conto>	[kɔtu]	[kõtu]
c) <ontem>	[ɔtɛj]	[õtɛj]
d) <pombo>	[pɔbu]	[põbu]

2.6. Ditongos

Ditongo é um grupo constituído por vogal+semivogal ou semivogal+vogal. No primeiro caso, estamos perante ditongos decrescentes pronunciados numa só emissão de voz. O <i> e <u> exercem geralmente funções de semivogais e são representados foneticamente por [j], semivogal anterior ou palatal, fechada e [w], semivogal posterior ou velar e fechada. Os ditongos podem ser decrescentes e crescentes, podendo também ser abertos ou fechados: <ai, ei, au, eu, éu oi, ói, ou, iu> → [aj, ɛj, aw, ew, ɛw, oj, ɔj, owiw]:

	PFL	PE
25. a) <céu>	[cɛw]	[cɛw]
b) <dói>	[dɔj]	[dɔj]

Os ditongos são crescentes quando a semivogal antecede a vogal, isto é, a vogal aparece depois da semivogal. Segundo Cunha (2005, p. 48), em português, apenas os decrescentes são ditongos estáveis. Os ditongos crescentes aparecem com frequência no verso, mas na linguagem coloquial só apresentam estabilidade aqueles que têm a semivogal [w] precedida de [k] (grafado <q>) ou de [g]. Assim:

Quase	igual	quando	enxaguando
Equestre	goela	lingueta	quinquénio
Quota	quíproquó	tranquilo	saguiguachu

Assim como as vogais, também há ditongos orais e nasais, sendo que os ditongos nasais resultam da combinação das vogais nasais e semivogais orais, visto que o timbre da vogal afeta a semivogal:

- 26. a) <mãe> [mɛj]
- b) <bem> [bɛj]
- c) <põe> [põj]

Feita a descrição, segue-se, agora, a análise da realização dos ditongos no PFL, tendo por ponto de partida o PE. Refira-se que, nesta abordagem, nos interessam apenas os casos dos ditongos orais e dos ditongos nasais, excluindo a classificação dos ditongos decrescentes e crescentes, dado que este contraste é similar nas duas variedades.

2.6.1. Ditongos orais

Os ditongos são orais quando a corrente de ar expirado sai pela boca, ou seja, são, geralmente, formados por vogais e semivogais orais:

- 27. a) <baixo> [baj̥ʃu];
- b) <Romeu> [rumew];
- c) <amoreira> [amurɐj̥rɔ]

I. O ditongo <au>, no PFL, realiza-se em [aw], porém, no PE, realiza-se em [aw] e [ɔw]:

- | | PFL | PE |
|--------------|------------|-----------|
| 28. a) <mau> | [maw] | [maw] |
| b) <saudade> | [sawdade] | [sɔwdadi] |

Na alínea b, verifica-se que a vogal do PE [ɐ], média, no PFL, se realiza como [a], aberta.

II. No PFL, o ditongo grafado como <ei> realiza-se como [ej], enquanto, no PE, se realiza em [ɛj]. Este fenómeno decorre do facto de, no PFL, o falante articular os sons em questão, conforme são escritos, enquanto, no PE, a vogal se centraliza, deixando de ser anterior e passando a central (e → ɛ):

- | | PFL | PE |
|--------------|------------|-----------|
| 29. a) <sei> | [sej] | [sɛj] |
| b) <beira> | [beira] | [bɛjra] |
| c) <peixe> | [pejʃe] | [pɛjʃɛ] |

- Outro fenómeno aqui a realçar tem a ver como modo da realização da monotongação desse ditongo, ou seja, o ditongo [ej] reduz-se à vogal [ɛ], aberta, com a supressão da semivogal [j]:

	PFL	PE
30. a) <beira>	[bɛra]	[bɛjra]
b) <peixe>	[pɛʃɛ]	[pɛjʃɛ]

Contrariamente aos casos anteriores, parece-nos que, quando o referido ditongo se realiza em posição final absoluta, não ocorre o fenómeno de monotongação, limitando-se o ditongo a ser aberto / médio:

	PFL	PE
31. a) <lei>	[lɛj] / [lɛj]	[lɛj]
b) <andei>	[ãdɛj] / [ãdɛj]	[ɛdɛj]

III. Quanto ao ditongo representado graficamente como <ei>, no PFL, a sua pronúncia oscila em [ɛ] e [ej], verificando-se a supressão da semivogal [j]:

	PFL	PE
32. a) <papéis>	[papɛj]	[papɛi]
b) <anéis>	[anɛj]	[enɛj]

IV. No caso do ditongo grafado como <oi>, ocorrem dois fenómenos: i) a supressão da semivogal [j]; ii) a abertura da vogal [o] para [ɔ]:

	PFL	PE
33. a) <dois>	[dɔ]	[dois]
b) <depois>	[depɔ]	[dipɔj]
c) <depois>	[depɔj]	[dipɔj]

V. Em relação ao ditongo grafado como <ai>, pronunciado [aj], interessa, apenas, realçar o facto de se suprimir a semivogal [j], mantendo-se a vogal [a]:

	PFL	PE
34. a) <mais>	[maj]	[maj]
b) <capitais>	[kapita]	[kepitaɪ]

2.6.2. Ditongos nasais

Tal como acontece com os ditongos orais no PFL, os ditongos nasais sofrem, igualmente, algumas modificações, condicionadas pela interferência das línguas nacionais bantu, cujo fenómeno relevante é a

abertura vocálica. Neste trabalho, apraz-nos expor, de forma sucinta, alguns aspetos considerados pertinentes:

I. Os ditongos nasais, grafados <**ãe**> e <**ãi**>, realizam-se com [ãj] no PF; contudo, no PE, realizam-se como [ɐj]:

	PFL	PE
35. a) <cãibra>	[kãjbra]	[kɐjbre]
b) <mãe>	[mãj]	[mɐj]

II. Os ditongos escritos <**ãw**> e <**am**> realizam-se em [ãw] no PFL, mas, no PE, realizam-se como [ɐw]. Há uma variação quanto ao grau de abertura, uma vez que o PFL não atesta a vogal nasal central, medial [ɐ]:

	PFL	PE
36. a) <apresentaçãw>	[aprezetasãw]	[ɐprizêtesɐw]
b) <cantam>	[kãtãw]	[ketɐw]

Observamos, portanto, que os ditongos [ãw] do PFL e [ɐw] do PE correspondem às grafias <**ãw**> e <**am**>.

III. O ditongo grafado como <**õe**>, no PFL, realiza-se como [ɔj], contrariamente ao PE, no qual se realiza como [õj], médio:

	PFL	PE
37. a) <botões>	[bɔtɔj]	[butõj]
b) <põe>	[pɔj]	[põj]
c) <sermões>	[sermɔj]	[sermõj]

IV. No entanto, quando seguida da fricativa palatal e não vozeada [s], marcador de plural, o falante angolano tem tendência a suprimir a semivogal [j], reduzindo o ditongo a simples vogal [ɔ]:

	PFL	PE
38. a) <botões>	[bɔts]	[butõjs]
b) <sermões>	[sermɔs]	[sermõjs]

3. Alguns fenómenos de interferências vocálicas na escrita

O *corpus* evidencia que alguns informantes escrevem **consuante, femenino** em vez de **consoante e feminino**. Isto acontece, sobretudo, quando as vogais <e> e <o> se pronunciam fechadas, altas, [ɨ] e [u], ou seja, estão na palavra, na posição átona:

	OC	OE
39. a) desculpa		disculpa
b) Emitir		imitir
c) descartado		discartado

d) ele	eli
e) despertar	dispertar
f) segmentação	sigmentação
g) consoante	consuante

Nota-se que os mesmos escrevem como falam e como ouvem as palavras. Portanto, pensamos que esses desvios ocorrem por distração, ou mesmo, por desconhecimento da ortografia correta⁶¹. Por vezes, quando o <u> e o <i> ocorrem na posição átona, na escrita, o falante escreve <o> e <e>, porquanto, ele sabe que, geralmente, essas duas vogais, na posição átona, se leem [u] e [i]:

OE	OC
40. a) masculino	masculino
b) a o mulação	ac u mulação
c) f e menino	f i menino
d) desc i plina	disc i plina
e) devulgar	d i vilgar

Os casos apresentados ajudam-nos a compreender que os nossos informantes nem sempre escrevem como falam e ouvem as palavras, pois fruto do conhecimento que têm sobre a articulação das vogais, que o <o> e o <e>, na posição átona, se leem [u] e [i], quando o <u> e o <i> ocorrem na posição átona, ficam confusos, daí os desvios na escrita⁶².

Há, também, na escrita, o fenómeno da monotongação, isto é, o falante omite a semivogal, porque ele pronuncia como se não houvesse um ditongo. Esta constatação confirma a observação feita por Mingas

⁶¹ Comungamos da opinião de Rio-Torto (2000, p. 601): “Na maior parte dos casos os erros etimológicos não alteram a estrutura fônico-auditiva da palavra, mas atingem a sua configuração grafemática canónica, fortemente condicionada pela sua matriz etimológica. Trata-se de erros de difícil superação, por duas ordens de razões: em primeiro lugar, porque radicam na actualimotivação da representação escrita das palavras, na não correspondência isomórfica entre grafema e fonema; e em segundo lugar, porque são fruto do desconhecimento da etimologia da palavra.”

⁶² Muito elucidativa é a afirmação de Mateus (2006, p. 170): “Um dos problemas que dificulta a aprendizagem de qualquer ortografia resulta de ser impossível que uma ortografia represente, de forma exaustiva, a variação contextual dos elementos fonológicos. A existência de sílabas tônicas com reflexo na realização das vogais átonas, a coarticulação dos sons, o sândi externo na sequência fônica de palavras, assimilações e dissimilações, epênteses e supressões de sons são processos lexicais ou póslexicais que determinam uma larga variação de realizações dos segmentos fonológicos de uma língua. Tendo presente que se considera a ortografia como a forma correta de escrever, é natural que ela necessite de encontrar uma estabilidade nessa variação, estabilidade que muitas vezes é interpretada apenas como uma vertente conservadora.”

(2007, p. 65), que por no kimbundu não haver ditongo, o falante de Luanda tem dificuldade de os pronunciar, no português:

	OE	OC
41. a)	cheroso	cheirosso
b)	rassocinar	raciocinar

Em b) há dois desvios: além da omissão da semivogal, os informantes grafam a palavra com o dígrafo *ss*.

4. Conclusão

O contraste entre o PE e o PFL ocorre, porque o kimbundu, língua que coabita com o português, não contém nenhuma vogal nasal, uma vez que possui sete vogais orais, contrariamente ao PE. As vogais **a, e eo** no PE, em posição átona, realizam-se [e] central, média; [i] central, fechada e [u] posterior, fechada, enquanto, no PFL, a maioria dos falantes articulam-nas abertas, sobretudo, quando aparece nas posições inicial e medial (escola [ɛ], metodista [ɛ], [ɔ]), desviando-se da realização do PE.

Os dados mostram igualmente que, no PFL, o ditongo grafado como <ei> se realiza como [ej], enquanto, no PE, se realiza em [ɐj]. Por outro lado, observamos a redução do [ej] à vogal [ɛ], aberta, com a supressão da semivogal [j]:

	PFL	PE
a) <beira>	[bera]	[bɐjra]
b) <peixe>	[pɛjɛ]	[pɐjʃi]

Quando o referido ditongo se realiza em posição final absoluta, não ocorre o fenómeno de monotongação, limitando-se o ditongo a ser aberto / médio:

	PFL	PE
a) <lei>	[lɛj] / [lej]	[lej]
b) <andeí>	[ãɛj] / [ãdej]	[vɛdej]

Em síntese, nota-se uma tendência geral de abertura das vogais <e a e o>, fenómeno que também afeta os ditongos, quer orais, quer nasais, ou seja, a pronúncia dos ditongos é consequência da mudança do timbre das vogais, influenciadas pelo traço fonético das línguas nacionais, línguas com as quais o português está em contacto. Assim, o sistema vocálico do PE e do PFL contrastam: o PFL contém sete vogais orais e cinco nasais e o PE compreende nove orais e, também, cinco nasais. Todavia, a variante europeia não atesta as vogais nasais fechada-central e as abertas,

ao passo que o PFL não regista as nasais médias. No entanto, o PFL não atesta a vogal fechada, central. Quanto às orais, o sistema vocálico do PFL não regista a presença das vogais fechada e média, central.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Leda. Estudo sobre a nasalidade. In: ABAURRE, M.B.; RODRIGUES, A. (Orgs). *Gramática do português falado – Volume VIII: novos estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 2005.

MATEUS, Maria Helena Mira. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. *Estudos da Língua(gem)*, n. 3, p. 159-80, 2006. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/41/80>.

MIGUEL, Afonso. Características fonológicas e morfológicas do português de Angola. In: OSÓRIO, P. (Coord.); MIGUEL, A.; KINGUI, A.; SUELELA, D.; ADRIANO, P. S.; COSTA, T. *Da fonologia à lexicografia*. Elementos para uma gramática do português de Angola. V. N. Famação: Húmus, 2022. p. 35-77

_____. *Integração morfológica e fonológica de empréstimos lexicais bantos no português oral de Luanda*. Tese (Doutoramento em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019. 401f.

MINGAS, Amélia. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Luanda: Chá de Caxinde, 2007.

RIO-TORTO, Graça Maria. Para uma pedagogia do erro. Didáctica da língua e da literatura. *Actas do V Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura*, vol. I. Coimbra: Livraria Almedina/ILLP-FLUC, 2000.